

Abreu nega intenção de choque

por Arnolfo Carvalho
de Brasília

O governo não pretende promover qualquer choque econômico em função da elevação do patamar da inflação para 35%, preferindo apostar na política de juros reais elevados e na "falta de sustentação do atual aquecimento da demanda por consumo", embora reconheça a dificuldade para operar dentro de um quadro de especulação.

O ministro do Planejamento, João Batista de Abreu, admitiu ontem que uma negociação com os candidatos à sucessão do presidente José Sarney, para assegurar a transição com estabilidade econômica, tornou-se praticamente impossível na atual indefinição, "mas talvez seja viável no segundo turno".

Garantindo que "um choque certamente não está entre as cogitações do governo", Abreu propôs o que chamou de "um pacto de silêncio" com a imprensa e a opinião pública até o ano que vem, "ou pelo menos para chegarmos até o dia 15 de novembro". Isso porque as especulações acirram o clima de incerteza, realimentando a inflação, em sua opinião.

Pelo menos na área da Secretaria do Planejamento (Seplan) ninguém trabalha com a hipótese de novo congelamento ou mesmo tabelamento de preços, ou qualquer mudança na atual política econômica, baseada no aperto monetário e taxas de juros elevadas para conter a demanda, como garantiram assessores qualificados de Abreu.

O ministro se disse preocupado com os indicadores de aquecimento da demanda, tanto a nível das encendas na indústria quan-

to do varejo, mas acredita tratar-se "apenas de uma bolha que vai estorar logo".

"A própria elevação dos preços se encarregará de diluir este aquecimento, que consideramos insustentável", explicou, reafirmando sua tese de que boa parte da pressão de demanda advém de um excesso de renda disponível decorrente não só dos aumentos salariais mas de vários outros fatores, como as baixas prestações da casa própria.

Sobre as notícias de eventuais discussões internas do governo em torno de um novo choque, acompanhadas ontem de rumores sobre a saída de ministros, Abreu disse tratar-se da "mesma coreografia macabra de sempre", que ocorre toda vez que há uma mudança no patamar da inflação, alimentando inter-

resses do mercado especulativo.

"É um mercado pequeno, que está muito excitado, revelando um movimento especulativo de quem comprou no pico e agora quer uma nova situação", analisou, referindo-se implicitamente às operações nos mercados de dólar e ouro, principalmente, cujos participantes estariam apostando em nova alta de cotações.

O ministro não levou a sério as previsões do seu antecessor na Seplan durante o governo Figueiredo, o atual deputado Antônio Delfim Netto (PDS-SP), sobre a preparação do "Plano Papai Noel" para dar um choque na economia após as eleições. "Eu não sei o que ele pretende, mas entendo que o ministro ainda está muito magoado, ele foi muito pisoteado e mantém essas

mágoas com a Nova República e o PMDB".

Abreu entende que não há clima para sua proposta de dois meses atrás, destinada a compor uma política econômica de transição baseada num acordo entre o atual governo e os prováveis sucessores de Sarney. "O quadro hoje está ainda mais indefinido, não há com quem conversar", observou, acrescentando que "talvez isso já seja possível no segundo turno".

"Por enquanto o governo deve ficar igual a um bessourinho, com as patinhas recolhidas, o mais quieto possível para não fazer eco às marolas", disse. Isto não significa ficar impassível, sem reagir às necessidades de política econômica. "Tanto é que respondemos prontamente à nova situação (dos preços) com uma elevação nas taxas de juros".